

## O GÊNERO TEXTUAL CHARGE E SUA APLICABILIDADE EM SALA DE AULA

### THE TEXTUAL GENRE CHARGE AND ITS APPLICABILITY IN CLASSROOM.

David Perdigão Lessa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho aborda os gêneros textuais na escola, com ênfase na charge, buscando as melhorias no ensino. A pesquisa foi realizada através de pesquisa bibliográfica e com alunos de uma escola pública, debaixo de uma perspectiva sócio-interacionista, fundamentado nos estudos teóricos sob o ponto de vista bakhtiniano. Durante a pesquisa, foi utilizado seqüências didáticas possibilitando trabalhar o tema, o estilo e a construção composicional da charge e sua aplicação em sala de aula. Pelo estudo de charge, transmitida na esfera jornalística, propôs-se demonstrar a sua função social, as características e os recursos lingüísticos responsáveis para seu significado. Foram também discutidos os aspectos culturais políticos e sua contribuição para o ler e produzir textos na escola, fazendo possível para aumentar, no aluno, suas capacidades lingüísticas e discursivas, partindo do princípio de uma compreensão ativa e crítica da realidade e atual do mundo.

**PALAVRAS-CHAVES:** gêneros textuais; charge; escola pública.

**ABSTRACT:** This work boards the textual goods at school, with emphasis in charge, seeking the improvements in the teaching. The research was accomplished through bibliographical research and with students of a public school, under a perspective partner-interacionista, based in the theoretical studies under the point of view bakhtiniano. During the research, it was used didactic sequences enabling work the theme, the style and the construction composicional of charge and its application in class room. By charge study, transmitted in the journalistic sphere, propose itself to demonstrate its social function, the characteristics and the responsible linguistic resources for your meaning. It also was argued the political cultural aspects and its contribution for read it and to produce texts at school, doing possible to increase, in the student, their capacities linguisticses and discursive, leaving of the principle of an active comprehension and reality criticism and current of the world.

**WORDS-KEYS:** Textual goods; Charge; Public school

## 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Especialista em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe/UFS. E-mail: david\_perdigao@yahoo.com.br



Este trabalho tem como premissa dar uma pequena contribuição para a análise do suporte de gêneros textuais, com ênfase em charges em sala de aula. A questão primordial é a de que todo gênero tem um suporte, mas a dicotomia existente nem sempre é de fácil identificação exigindo cuidado no uso do suporte. Para tanto, faz-se necessário definir classes e meditar sobre aspectos limítrofes na relação gênero-suporte. Há que se esclarecer que aqui nada é conclusivo, são apenas sugestões, e um convite a futuros debates.

Tem como pressuposto desta análise a certeza da relevância do estudo para melhor compreensão do funcionamento dos próprios gêneros textuais. Assim sendo, observa-se que o importante é dispor de elementos empíricos para evidenciar a validade das posições defendidas, uma vez que os gêneros se dão solidificados em linguagem e são visíveis em seus *habitats*.

Contudo, a comprovação não se dá na observação a olho nu e sim com base em categorias. Assim, esta abordagem visa a fornecer precisamente algumas categorias para a análise e mostra como podem ser usadas.

Não se trata de fazer uma classificação de suportes, mas de analisar como eles contribuem para seleção de gêneros e sua forma de apresentação. É importante observar como desde a Antigüidade os suportes textuais diversificaram, passando pelas paredes interiores de cavernas, à pedrinha, à tabuleta, ao pergaminho, ao papel, ao outdoor, para finalmente entrar no ambiente virtual da Internet, que não entra no âmbito da proposta deste trabalho, mas que é imprescindível abordar.

Dessa forma, é preciso salientar a importância de um suporte em sala de aula, uma vez que este é relevante para que o gênero textual circule na sociedade e influencie na natureza do gênero suportado no processo ensino-aprendizagem, com o intuito de melhorar o ensino, levando ao aluno a criticidade.

Trata-se de uma experiência pedagógica com a leitura das charges veiculadas em jornais, no intuito de mostrar como os textos que circulam na mídia formam opinião e influenciam em decisões políticas importantes para o país.

Sabe-se que a linguagem se estabelece na interação entre sujeitos, assim sendo, acredita-se que a sala-de-aula é um espaço de pesquisa-ação-produção, a qual, possibilita aumentar a capacidade de leitura dos alunos e melhorar a qualidade de suas produções escolares. Por conseguinte, este trabalho foi efetivado sob uma perspectiva sócio-interacionista, fundamentado em teorias lingüísticas e discursivas.



Por outro lado, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1998, p. 70) revelam o uso de gêneros textuais têm um papel decisivo na formação de leitores. Para tanto, o professor deve assumir a tarefa de formar aluno-leitor, aluno-produtor fazendo com que a escola tenha responsabilidade na elaboração de projetos educativos que busquem a intermediação da passagem do leitor de tipologias textuais para o leitor de diversos gêneros discursivos, do mesmo modo que são vinculados em diferentes campos de comunicação verbal.

## 2. OS GÊNEROS TEXTUAIS

Segundo Cadore (1996) o vocábulo gênero é compreendido, etimologicamente, como significando família, raça ou conjunto de seres dotados de características comuns. Assim sendo, a palavra gêneros sempre foi bastante utilizada pela retórica e pela literatura com um sentido especificamente literário, identificando os gêneros clássicos – o lírico, o épico, o dramático – e os gêneros modernos da literatura, como o romance, a novela, o conto, o drama, etc.

Mikhail Bakhtin (2003) – pesquisador russo que, no início do século XX, se dedicou aos estudos da linguagem e da literatura – foi o primeiro a empregar o vocábulo “gênero” com um sentido mais amplo, referindo-se também aos tipos textuais que empregamos nas situações cotidianas de comunicação.

De acordo Bakhtin (2003) todos os textos que são produzidos, sendo estes orais ou escritos, proporcionam um conjunto de características concernentemente estáveis, tendo-se ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes tipos ou gêneros textuais que podem ser identificados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo.

A opção do gênero não é inteiramente automática, uma vez que se deve levar em consideração um conjunto de parâmetros essenciais, como quem está falando, para quem se está falando, qual é o seu objetivo e qual é o assunto do texto. Por exemplo, ao contarmos uma história, fazemos uso de um texto narrativo; para instruímos alguém sobre como fazer alguma coisa (por exemplo, limpar o pó dos móveis, tomar banho, ir a costureira.), fazemos uso de um texto instrucional; para convencer alguém de nossas idéias, fazemos uso de textos argumentativos; e assim por diante.



Dolz e Schneuwly citado em Bonini *et al* (2006, p. 349-350) consideram que “*é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes*”.

**Segundo** L.A. Marcuschi os gêneros textuais, como práticas sócio-históricas, se compõem como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. De acordo com este autor, são textos orais ou escritos solidificados em situações de comunicação decorrentes.

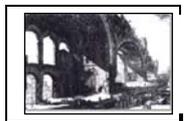
O ponto de partida para a discussão desta noção de gênero é estabelecido por Bakhtin:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Assim sendo consideramos que gêneros textuais são os textos que se encontram em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

Os gêneros constituem uma listagem aberta, são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações tais como: sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, e-mail, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas (BRONCKART, 1999, p. 75).

Segundo Bakhtin (2003, p. 277), são três as características que definem um gênero: plano composicional, estilo e conteúdo temático – “*(...) fundem-se no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação*”.



Enfim, considerando, então, a língua como uma atividade cognitiva e social (KLEIMAN, 1992), pode-se afirmar que ela é variável, é heterogênea e está sempre situada em contextos de uso (SOARES, 2003).

Desse modo, resta à escola tomar algumas decisões para que, ao oposto de desenvolver atividades fora de contexto, às tornem mais coerentes e produtivas, valendo-se de textos, que são de conhecimento e interesse do aluno, afastando-se do modo pedagógico tradicional de somente usar textos do livro didático, e corroborar, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004) através de modelos didáticos mais concretos. Igualmente, é importante ressaltar que a escola deve considerar que é necessário deixar de trabalhar com os textos apenas como pretextos para ensinar a gramática e ortografia.

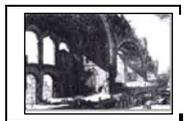
Usar charges é trabalhar nesta proposta, ou seja, com textos não-escolares. Textos estes que estão, atualmente, no contexto de letramento dos alunos, na sua vivência. Assim, a forma de trabalhar com a língua passa a ser uma atividade social e crítica, exercendo uma leitura de mundo cidadã.

## 2.1 Utilização dos Gêneros Textuais

O acelerado desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente, as formas de comunicação mediadas pelo computador, têm propiciado o surgimento de novos processos de interação. Tais processos, todavia, nem sempre se apresentam de forma totalmente inédita; são, geralmente, adaptações ou reconfigurações de formas convencionais de comunicação.

Como se sabe, as charges convencionais têm por suporte, principalmente o jornal. Tal fato define, entre outras coisas, os possíveis leitores deste tipo de texto. Sua transposição para a Internet transforma o universo virtual de leitores, agregando-lhe novos elementos e excluindo outros. Inicialmente, a charge publicada em meio eletrônico parece aproximar-se mais do público adolescente e jovem, nem sempre leitores típicos das charges convencionais.

Ao se buscar um tema, em Língua Portuguesa, para o artigo proposto, nosso interesse foi focado nas diversas linguagens que possibilitem as crianças adentrarem-se no mundo letrado. E, dentre as várias alternativas de ferramentas de leitura e interpretação, escolheu-se trabalhar com as charges.



Considera-se que, vivenciando a era de comunicação e informação, a sociedade não mais consente leituras que tenham como finalidade uma única interpretação, estável e universal, nem mesmo leitores somente de livros. Ao oposto, na atualidade é cada vez mais preciso que o sujeito seja competente para entender as diversas linguagens e os múltiplos códigos que o cercam como, por exemplo, pintura, cinema, teatro, propaganda, histórias em quadrinhos, charges, dentre outros.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil 2000) assinalam, como um das finalidades do ensino fundamental para a Língua Portuguesa, que os alunos sejam capazes de fazer uso das diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como forma para gerar, expressar e comunicar suas idéias, atendendo a variadas intenções e situações de comunicação. Sendo assim, os PCN consideram que é necessário a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.

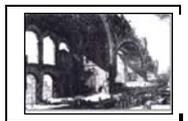
Desse modo, acredita-se que a multimodalidade existente nas Charges possibilite e estimule os educandos à prática da leitura, uma vez que o contato com esse gênero textual, leve e agradável, possibilita uma intimidade com o ato de ler (CHIAPPINI, 1997).

Dentre as diversas linguagens que fazem parte do mundo contemporâneo, existe uma que interage a linguagem escrita e a linguagem visual: as charges. Estas vêm se solidificando como uma relevante ferramenta de difusão cultural e de formação educacional para pessoas de diferentes faixas etárias.

É por meio das charges que uma grande parte das crianças e dos adolescentes passam a conhecer as linguagens plásticas desenhadas e com narrativas ou sem, iniciando seu contato com linguagem cinematográfica e a literatura, e adquirindo, assim, o gosto pela leitura.

O leitor pratica – a partir do momento em que é motivado – sua capacidade de criar a partir de suas leituras realizadas anteriormente. As charges também podem ser ferramentas desses estímulos. O prazer de sua leitura convida o aluno a desenvolver práticas leitoras renovadas e criativas dentro da sala de aula, podendo estas ser empregadas como estímulo à aprendizagem e trazer o conteúdo programático à realidade palpável do aluno, notadamente nas séries iniciais do ensino fundamental.

Nesse contexto, passa-se, então, a investigar sobre o assunto, buscando elementos que embasassem esta pesquisa. No entanto, depara-se com uma literatura escassa acerca do uso das charges na prática escolar. Considerando essa realidade, foi necessário enfrentar o



desafio, buscando entender e explicar por que as charges não são tão aproveitadas como recurso didático de incentivo a formação do leitor.

Verifica-se, a partir de várias leituras, que um dos motivos para o pouco uso das charges em sala de aula esteja no fato destas terem sido, ou talvez, ainda serem, tratadas como subliteratura por tantos educadores, que parecem partilhar de um conceito equivocado de que estas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável” no que se refere à formação do leitor. Por outro lado, o tradicionalismo não deixa o professor “compreender” a mensagem da charge.

Dessa forma, ainda que seja um gênero textual com grande potencial educativo, muitos educadores deixam de utilizá-lo – por preconceito ou por desconhecimento – em sua prática didático-pedagógica de uma forma mais ampla e efetiva, empregando esse tipo de literatura somente para leitura de fruição.

A escola, que deveria, a princípio, ser a principal responsável por formar leitores competentes, justifica a não-utilização do potencial educativo das charges devido à falta de sistematização científica sobre o uso desse recurso em sala de aula, como também ao pouco estudo sobre o emprego desta como agente de incentivo à prática de leitura.

Considerando o caráter informativo e opinativo das charges e a ampla circulação social das produções eletrônicas de Maurício Ricardo ([www.charges.com](http://www.charges.com)), é interessante proceder a uma análise criteriosa a respeito dos elementos que determinam a produção de sentidos dessas charges, de modo a instaurar um processo de análise discursiva desse fenômeno midiático em sala de aula.

### **3. O ENSINO DA CHARGE EM SALA DE AULA**

Partindo da premissa de que este trabalho tem por objeto o uso das charges em sala de aula, acredita-se ser pertinente discutir as características destas enquanto texto de circulação social, com a função de produzir crítica de caráter, principalmente, político.

Nesta pesquisa não se tem a pretensão, nesta reflexão inicial, esgotar todo o assunto nem deparar exaustivamente na historiografia do seu aparecimento no meio jornalístico, elementos que já foram amplamente explorados por outros pesquisadores, entre os quais destaca-se Romualdo (2000) e Oliveira (2001).



Com o objetivo de não repetir definições já suficientemente esclarecidas, assumiremos como tarefa a discussão da função social do texto chargístico tal como tem circulado socialmente, isto é, enquanto elemento pertinente ao universo dos discursos jornalísticos com seus possíveis desdobramentos para um site da Internet.

As formas de significado deste começo de século abarcam modalidades que vão do código lingüístico (escrito e verbal) tradicional, perpassando pelo visual, perceptivo, gestual, espacial propiciando uma tendência multimodal ao ensino-aprendizagem. Estas modalidades são abalizadas pelas tecnologias da informação, bem como pelas características da sociedade pós-moderna, que preceptua a fragmentação e a diversidade (cultural e de estilos de aprendizagem, dentre outros) e têm como finalidade a instrumentalização dos alunos para atender às demandas dessa sociedade.

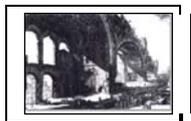
### **3.1 O que é charge?**

Na atualidade, os variados meios de comunicação, fazem com que se depare com diferentes formas de protesto e crítica. Críticas ao sistema administrativo atual, tanto na esfera Federal, Estadual ou Municipal, à política social que se adota e aos governantes que geralmente são feitas, na imprensa, de várias maneiras. O modo de se criticar é por meios de argumentos lógicos que possam convencer o leitor.

Outra forma de criticar é por intermédio do riso que advindo da sátira, da ironia e do deboche empregados como mecanismos para interagir com o leitor e persuadi-lo a aceitar as idéias representadas. Para tanto, é crescente o número de jornais, revistas e emissoras de televisão que exploram a sátira política por meio do riso e do escárnio, através da caricatura e da charge.

Para entender a prática do humor crítico, parte-se de reflexões teóricas sobre a exploração do riso nas sátiras feitas à sociedade. Em primeiro momento, os estudos de Thomas Hobbes (1588) sobre a filosofia grega, no qual o autor afirma que além de Aristóteles versar sobre o riso, a ironia socrática também foi responsável por sua expansão na Idade Média e no Renascimento.

Aristóteles dizia que a alegria levada por zombaria é sempre uma expressão de desprezo, posto que entre as origens do prazer estão as ações, os ditos e as pessoas ridículas. Depois, os estudos de Henri Bergson (1859) sobre o riso como escracho, que tem



início ao findar a comoção, considerando que neste caso, o riso esconde o sentido de humilhar alguém.

E, por fim, as pesquisas de Georges Minois (2003, p. 19), que conceitua o riso e o escárnio como “o irônico, o individualidade genial, que consiste no auto-aniquilamento de tudo que é soberano, grande e nobre”. Também afirma que:

(...) o riso esconde o seu mistério, às vezes, agressivo, sarcástico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco e do grotesco. O riso é multiforme e ambíguo: expressa tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia (MINOIS, 2003, p. 19-20).

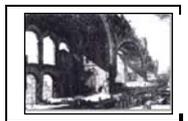
Fundamentados nestas pesquisas, pode-se ressaltar que o riso provocado com a leitura da charge estabelece-se na sátira a pessoas simples e famosas, representantes políticos, fatos e acontecimentos sociais servindo ao mesmo tempo para afirmar e para subverter (MINOIS, 2003).

Segundo Maringoni (1996, p. 85), “a sátira, o comentário e a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista”.

Produzir charge está intimamente atrelado à necessidade do ser humano em gerar críticas, principalmente, ao sistema sócio-político no qual se encontra inserido, especialmente, no atinente àqueles que detêm o poder político e/ou econômico.

O termo charge é francês, vem de charger, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e a caricatura pessoal. A charge será alvo do estudo por trazer, em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia (SILVA, 2004, p. 13).

Assim sendo, pode-se apontar a caricatura como um dos primeiros recursos utilizados para criticar aos poderes constituídos. No dizer de Oliveira (2001, p. 265): “Os textos de charge ganham mais quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezioso”.



Dessas primeiras considerações percebe-se que, socialmente, a charge e caricatura encontram-se entrelaçadas ao binômio história-memória. Sendo a charge uma forma de registro crítico e opinativo da história imediata de um grupo social, a sua recepção pelo leitor depende da existência de uma memória social que é acionada no momento da leitura permitindo-lhe construir os possíveis sentidos para o discurso do qual esta é portadora.

Essa posição é também postulada por Oliveira (2001, p. 265) para quem:

(...) os textos chargísticos constituem, por isso, uma vasta memória social, sem a qual não poderia haver História, que só se constitui pelo discurso. E ainda: “o que merece destaque, porém, é a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargístico, este, por recuperar aquele, torna-o memorável.

Partindo desses postulados a respeito da importância da história e da memória na constituição dos sentidos de um texto chargístico, entendemos que a caricatura presente no texto chargístico é de fundamental importância para a presentificação dessa memória no acontecimento discursivo.

#### **4. A EXPERIÊNCIA COM CHARGE EM SALA DE AULA**

O entendimento das definições produzidas desde a leitura da charge pode alterar de acordo com seus interlocutores, provocando, em cada leitor, uma atitude ativa, em que ele, sujeito do seu discurso, faz um diálogo com o texto, no qual nele se constrói e é construído.

É nessa interação dialógica que se dá o entendimento do discurso midiático e da crítica mordaz aos políticos por meio de sátira, ironia, zombaria, e outros recursos lingüísticos e gráficos visuais presentes na charge. Bakhtin & Volochinov (2004, p. 132) nos mostra que “compreender é opor à palavra do outro a uma contra-palavra”.

É nesse ponto de vista teórico que se compreende a leitura da charge como uma prática social, um mecanismo de entendimento ativo, no qual os sentidos são estabelecidos desde a relação dialógica estabelecida entre texto-autor-interlocutor.

Dessa forma, foi proposto atividades que possibilitaram alunos a reflexão crítica sobre os fatos noticiados. Neste contexto, há a contra-palavra, ou seja, a resposta dos alunos às atividades de leitura de charges propostas, o seu posicionamento diante do conteúdo temático e das sátiras ao momento atual político-social brasileiro.



Para ilustrar o assunto aqui tratado, foram utilizadas charges em sala de aula, em uma escola pública da cidade de Estância/SE, numa turma de 8ª série do ensino fundamental:

**Figura 1: O assalto**



(Laerte. O

Condomínio)

Ao pedir que se comentasse sobre a charge 01, os alunos, em sua maioria, responderam que a figura mostrava que mesmo com todo aparato de condomínios, prédios comerciais, bancos os bandidos acham um modo de burlar a segurança, adentrar no ambiente, assaltar e até mesmo fazer reféns. Chegam falando que são detetizadores, bombeiros, eletricitas, ou seja, prestadores de serviço para adentrarem no prédio e então anunciarem um assalto.

**Figura 2: A consulta**



(Laerte. O condomínio)

Na charge de número 02, os alunos responderam que esta charge aborda a questão da saúde do brasileiro, que é precária. Quando o cidadão adoce, vai até o posto médico conveniado ao SUS e só consegue marcar a consulta para alguns meses, quando este o faz, ou a doença já foi curada ou a pessoa já está morta. É um descaso total que os políticos demonstram para com a saúde da população.

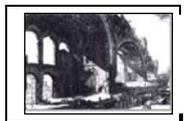
É importante frisar que muitas outras charges foram usadas neste estudo, mas por conta do espaço, usamos apenas duas charges para ilustrar o tema em questão.

Ao terminar as atividades de leituras propostas, pode-se concluir que ao compor o gênero charge o autor parte do pressuposto que o público leitor deve ter informações suficientes para efetuar o destroncamento semântico determinado entre as palavras e imagens para poder obter uma compreensão ativa desse gênero.

Considerando as respostas dos alunos, verifica-se que um dos aspectos mais relevantes foi à presença de contradições e conservações de idéias ao tema em discussão na sala de aula.

No entendimento do dialogismo entre as charges, contradizer sugeriu num posicionamento diversificado de cada aluno e, por conseguinte, na resposta ativa do outro.

Para tanto, Schneuwly e Dolz (2004, p. 97), possuem o ponto de vista enunciativo-discursivo de Bakhtin, fazendo com que, neste sentido, os aprendizes adquiram uma compreensão maior não só dos conteúdos que se tornam observáveis por intermédio do gênero, como também das variadas linguagens empregadas e das “seqüências textuais e discursivas que formam sua estrutura”.



Ao interatuar, interagindo oralmente ou por escrito no contexto escolar, observa-se que os alunos necessitam compreender como o conteúdo, a forma da língua e a estrutura composicional dos gêneros discursivos favorecem recursos para apresentar a informação e manter o diálogo com os outros textos. É necessário aprender, por conseguinte, a escolher certas tipologias do conteúdo, agrupados aos padrões lingüísticos amoldados ao estudo dos gêneros do discurso.

De acordo com esses autores, neste contexto, “a seqüência didática é uma alternativa metodológica que pode tornar a prática de leitura na escola mais atrativa e produtiva” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 97). Neste sentido, a interação é referente não somente, àquelas que acontecem face a face, uma vez que os processos interativos também provêm de um entendimento ativo em que o leitor aceita, reformula as informações do enunciado de acordo seus conhecimentos e experiências, podendo contrapor-se a elas eventualmente.

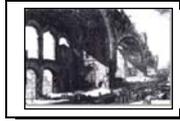
Pode-se inferir também que o exercício da cidadania é, por conseguinte, muito dependente da disposição dos sujeitos entenderem e agirem nas situações que envolvem valores e posicionamentos, estando sujeito, também, da capacidade de leitura das condições de produção que possibilitam a exploração do gênero charge nas atuais matérias veiculadas na mídia, especialmente, em jornal.

O que fica em todo o fundamento deste trabalho é que o riso ou a meditação tirado, desse gênero discursivo, está longe de gerar uma mudança nas regras das políticas sociais. Contudo, as charges possuem uma dosagem cômica, crítica e irreverente em uma medida suficiente para colaborar com o ensino de leitura na escola.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer uma reflexão sobre uma sociedade democrática, em uma política que origine o debate de idéias e o bem social a todos os cidadãos, sem a preocupação com a imagem pública ou a ambição pelo poder, sabe-se que ainda é uma utopia. No entanto, a mídia nasce como um processo tecnológico de forma a mostrar a mazela social dos falantes e na concentração do poder de emissão da informação, possibilitando controlar todo um jogo político dentro de uma sociedade.

É fundamental aludir, que para o entendimento da charge deve existir um contexto, capaz de produzi humor, e provocar cumplicidade com o público, para isso, alguns fatores



são essenciais, como coerência, coesão intencionalidade, ironia e intertextualidade. Nenhuma pessoa ri da piada expressa na charge se não houver um código próprio entre o autor e o leitor. Por outro lado, como a charge provoca às situações noticiadas, normalmente, na véspera ou na antevéspera de ser veiculada, isto é, o consumidor da charge necessita ser também consumidor de notícia.

Um ponto a destacar neste trabalho é que a charge é apresentada pelo jornal como um instrumento de opinião. Normalmente, encontrada na página dos editoriais, apresenta-se como uma espécie de editorial gráfico, unidimensional que mostra a posição do jornal sobre os certos fatos sociais. No entanto, por ser temporal, ou seja, ser datada, a charge política é perene, podendo ficar como registro de uma época, sem carregar a sua graça e riqueza lingüístico-discursiva.

Através deste trabalho, espera-se ter demonstrado que a escola é um espaço privilegiado para o entendimento do discurso midiático, desenvolver a leitura da charge jornalística e formar a opinião. Para tanto, parte-se da premissa que ensinar a língua sugere ensinar o domínio de diversos gêneros do discurso e, também, gêneros das instâncias públicas de uso da linguagem, tornando este um relevante processo, provocando um confronto dialógico entre diferenciadas posições apresentadas pelos sujeitos na escola.

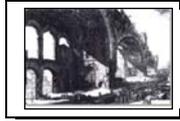
A partir destas leituras, do trabalho realizado em sala de aula, fica outra proposta: o estudo das charges em outro discurso, que é a motivação do trabalho com o texto-discurso na sala de aula, uma vez que a leitura e interpretação-compreensão do gênero charge despertou nos alunos o interesse para o entendimento das cenas desenhadas, da linguagem verbal e visual e, o que era central, da notícia que provocou o texto, podendo usufruir das relações singulares que o chargista institui entre as charges e a realidade, recorrendo a sua principal arma: o humor. Dessa forma, o trabalho a ser realizado pode ajudar a melhorar a qualidade das aulas, diminuir os índices de evasão e repetências entre os alunos e estimular os professores a modificar sua prática pedagógica com o objetivo de modificar o papel passivo do aluno (mero receptor de conhecimentos) tornando-o um ser ativo e participativo podendo mudar a realidade na qual está inserido, sempre trabalho os gêneros textuais de forma criativa e bem humorada.

## 6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



- \_\_\_\_\_. VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11 ed: São Paulo: Hucitec, 2004.
- BONINI, Adair. FURLANETTO, Maria Marta (Orgs.). Gêneros textuais e ensino-aprendizagem. **Rev. Linguagem em (Dis)curso. Lemd, Tubarão**, v. 6, n. 3, p. 337-584, set./dez. 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – 5ª a 8ª séries: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999.
- CADORE, Luís Agostinho. **Curso prático de Português**. Programa Completo. 2º grau. 4 ed. São Paulo: Ática, 1996.
- CHIAPPINI, L. (org.). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. São Paulo: Cortez, 1997.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARINGONI, G. **Humor da charge política no jornal**. Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, 1996.
- MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. Editora da UNESP, 2003.
- OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação: uma parceria para o ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá, PR: Eduem, 2000.
- SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SILVA, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.



Travessias número 01

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

---

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26<sup>a</sup>. Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas, de 5 a 8 de outubro de 2003.



**Travessias número 01**  
**Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.**

---